

ESTUDO DE DESVELO EM LÁ 432 HZ

Um mapa mental, um apanhado de notas, uma antologia perceptiva

ESTUDO PRÉ-ESTUDO

Michel Butor: *Méditation sur la frontière*

“(…) and the more the borderer is conscious not only of the existence of the other but of his qualities, the more he desires to become acquainted (…)” pg. 20

“ ‘Thus the overcome border has become a vibratory diaphragm, as much as one that produces sound’ (the loudspeaker), ‘as one that receives it’ (our ear); ‘it becomes the place where two territories hug each other lovingly, where two skins touch’ ”. pg. 21

“(…) borders are there in order to be crossed (…)” pg. 21

Fronteiras entre nós. Todo tipo de estrutura se apresenta como fator de separação – a língua, a pele, a casa, a família, os interesses, os afetos, os sentidos, o passado, o presente, o tempo. O fluxo? O fluxo não. O fluxo nos une inevitavelmente. Dentro dele, como num lampejo, os limites entre nós estão suspensos. O fluxo nos faz seu corpo, sua trama, sua vivência. Contendo-nos a todos, o fluxo faz de nós um só ser fortuito.

Jean-Luc Nancy: *O Intruso*

“O intruso não é um outro senão eu mesmo e o homem ele mesmo. Não é um outro que o mesmo que nunca termina de alterar-se, ao mesmo tempo aguçado e esgotado, desnudado e superequipado, intruso no mundo assim como em si mesmo, inquietante ímpeto do estranho, *conatus* de uma infinidade excrescente. ”. Pg. 29

“Que estranho ‘eu! ’. ” pg. 21

Quiçá a fronteira seja ainda isso – desconhecer de algo ou de alguém, e nada impede que esse alguém seja aquele que se encontra na superfície do espelho ou atravessado no espelho ou na boca do estômago ou no lado de dentro da voz. Nancy denuncia seu coração, que era alheamente seu, que carregava um tempo que lhe era estranho. Muitas vezes me desconheço também de meu corpo.

Percepções gravadas na carne

Os piores sonhos sempre eram aqueles em que perdia a voz. Gritava com a garganta elástica. Era uma borracha alheia ao tecido do meu corpo, que não vibrava – ou vibrava sem se tocar, não gerava som. Esforço vão. A voz também é contato.

Um corpo sonoro de madeira e aço e outros metais levemente mais ordinários, com aspecto de solo escuro, apoiado no peito. O braço direito querendo alçar um voo imaginário enquanto fricciona a corda desejada. O braço esquerdo, novamente, indicando a direção do sulco. O som se faz dentro de um abraço, dentro de um corpo que se abre e é aberto a cada nota, dentro de meu corpo que se abre e é aberto a cada nota. Os pés se tornam raízes. Sou então a árvore-origem desse corpo outro.

Imagens gravadas na carne

Chile. Céu noturno. Prédios. Luzes acesas, luzes apagadas. Toque de recolher. Impedimento. Alguém canta, não se sabe de onde. Apesar da baixa qualidade de gravação distingue-se uma voz que entoia uma canção que desconheço. O canto cessa. O aplauso começa, de súbito, de todos os cantos e janelas, de todas as mãos disponíveis. Os corpos fazem seu encontro pela percussão de suas palmas, subvertendo a estrutura do edifício, que seria lar se não estivesse convertido em cárcere. As paredes pouco importam ao som, que se ri delas por sua insuficiente contenção.

Meredith Monk: *Songs of Ascencion (Ann Hamilton’s Tower, oct. 2008)*. Por fora: uma grande torre cilíndrica de concreto, com janelas retangulares, cinza por expor a matéria de que é feita. Por dentro: Espalhando-se na escada, ao longo de seus degraus, sentados em cada um deles ou sempre subindo: um séquito. Violoncelistas, violinistas, cantoras e cantores, acordeon e demais instrumentos distribuem-se na construção. Entoam uma peça coletiva enquanto rumam escada acima. Seus sons, bem como suas roupas, poderiam ser de monges.

ESTUDO

Testando 1, 2, 3

Olho para a tela de um dispositivo, com seu brilho estranho e incômodo, e faço na garganta o caminho até o degrau desejado – sexto degrau, Lá – testando a capacidade ou incapacidade de alcançá-lo (como se me erguesse na ponta dos pés). Ajusto a garganta como se angulasse uma ferramenta no momento de sua afiação. Talvez esteja ensinando ao aparato vocal como se corta. Enfim a lâmina está bem afiada. Repito o som, a ponto de esquecer que para isso preciso tomar fôlego, pois a urgência de não perder essa querida meta, o sexto degrau, é real – faço dela uma urgência real. Quase me esqueço do porquê. Tomo um breve fôlego e permito que essa frequência me atravessasse novamente – o interior de meu crânio se torna aquela vibração (e o fundo de meus olhos, e o interno dos ouvidos, e os dentes, e a língua, e todos os ossos se agitam com esse som que os atravessa). ATRAVESSE. O som suspende as fronteiras, é atravessamento. Atravessando-as, como se nada fossem. Questiona a existência destas fronteiras, sua perenidade, sua veracidade.

Proposta de Trabalho

- Ação coletiva (/ Estudo coletivo / Esculpir em conjunto o ar, o corpo, o mundo)
- Horário: 18:30. (Estariamos contra um sol poente não fosse o céu carregado de nuvens escuras que passeavam conforme lhes convinha)
- Data: 06. 12. 2019. (Uma sexta-feira das mais atípicas)
- Duração: 30 min. (Marcados em relógio pois o tempo da percepção é outro)
- Local: Centro de Desenvolvimento Sustentável - Universidade de Brasília (Uma curva de concreto, com pilares em cilindro, contra o céu noturno em chuva suave, cercado de luzes esparsas e quase não atuantes).

Desejo

Reafinar o mundo.

Riccardo Tristano Tuis: *432 Hertz: La rivoluzione musicale*

Se apresenta uma necessidade. Não. Se apresenta A necessidade: velar pelo mundo, velar pelo outro, velar por si. Desvelar o mundo, desvelar o outro, desvelar-se. Ser com o mundo, ser com o outro, ser consigo. Estar no mundo, estar no outro, estar em si. Ir pelo mundo, ir pelo outro, ir-se.

Como se qualquer espaço de distância ou de reserva fosse fragmentado em prol do corpo coletivo e sua tarefa. O corpo coletivo deve desempenhar seu trabalho, seu esforço. Deve empenhar-se em sua forma, sua formação, sua reforma.

(parte d)O que houve

<https://youtu.be/nxBaqe2aJOs>

Necessidades:

- Afinador digital com função de ajuste de frequência (Aplicativo Soundcorset);
- Instrumentos musicais que permitam afinação dentro da frequência de 432 hz;
- Buscar a frequência, com auxílio do afinador digital, durante todo o tempo da ação.

(As vozes predominaram; minha voz vinha do corpo amadeirado que tem me acompanhado)

ESTUDO PÓS-ESTUDO

Notas Laboratoriais

As vivências têm algo de dúbio, de encher e esvaziar. Me percebo lutando para guardar cada memória como estilhaços de um objeto qualquer, muito estimado, que se espalha em toda direção possível no contato com o solo. Percebo-me querendo que possível fosse guardar cada memória, e notando enquanto isso o seu desvio e desaparecimento, conforme organizo cada uma em seu lugar. Já surgem lacunas. Nas lacunas se faz um respiro que é também acento ao que está – ao que está ao lado, ao que está ainda ali, memorável.

Pude perceber o poder do grupo de se autogerir, de se autogestar, de se auto-organizar, de se dar tempo, de se permitir absorver o ar da noite antes do próximo esforço de voo cantante. Percebi esse mesmo ar que, perpassando o corpo, se torna outro ao deixá-lo, ao devolver-se ao meio. O grupo passa a informar sua cadência conforme a ação se desenrola, e passa a instruir o próximo passo do corpo coletivo. Ouvimo-nos, ouvidos ávidos de ser junto. Foi ainda um exercício de troca, de ser do meio, de ser com o meio. Nossa capacidade de soar junto entrelaçada à capacidade de pôr-se a ouvir e/ou dispor-se a ouvir aquilo que nos é direcionado pelo outro.

Por vezes a voz é acompanhada de um olhar de susto. Mas por que o susto, sendo ela tão intrinsecamente interna? O interno amedronta? O muito interno só pode ser o muito desconhecido? E como desconhecer uma parte ou outra conforme nos convém? E por que se espantar com a respiração? E por que rir como quem se desculpa, por lançar essa estranha voz no fora, se ela já é no dentro? As vozes jogam o íntimo pra fora.

Me pergunto então se as vozes não teriam ainda se incrustado na madeira que com elas cantava, se não se incrustaram também no concreto onde rebatiam e na pele que atingiam. Gosto de me convencer de que sim, foi o que houve. A cada novo sopro vencíamos entre o ar e adentrávamos as superfícies tocadas no caminho, em querida invasão – a única invasão que pode ser querida.

E depois de ter sido acolhida nos braços pela experiência, pela experiência entrelaçada e entretecida, que não tentem me convencer de que ver basta, ou de que o olhar basta. O que é bastante não nos impulsiona assim tão magneticamente para um ponto além. Ir além é necessário.

Ao entoar, o escavar do próprio crânio, de dentro para fora. O escavar do próprio corpo, de dentro para fora. E noto minha mão a deslocar-se para acompanhar as vozes ao redor. Fazemo-nos uma só voz, questionando que fronteira é essa que existe entre uns e outros. Presencio o insurgir e o esvair das vozes e dos fôlegos, desencontrando-se e reencontrando-se, como se a olho nu tecessem sua trama.

Yoko Ono: Peça secreta

“Decida uma nota para tocar. Toque-a com o seguinte acompanhamento: Os bosques de 5 às 8 da manhã, no verão.” Pg. 19

Uma referência dentre coletânea de proposições, instruções para performance. Uma cara referência, apesar de não perceber o ato de Desvelo como uma performance, ou mesmo como uma performance coletiva. Se trata de um estudo conjunto, e um estudo conjunto de modos de esculpir – o mundo, a si mesmo, uns aos outros.

Albert Camus: A esperança do mundo. Cadernos (1935-37)

“Não se perder, e não perder o que de si mesmo, dorme no mundo (...)”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTOR, Michel. *Méditation sur la frontière*. Paris: Éditions de la différence, 1996.

CALHEIROS, Thaís Costa Oliveira. *Estudo de Desvelo em Lá 432 Hz*. 2019. 14m15s. Disponível em: <<https://youtu.be/nxBaqe2aJOs>>. Acesso em: 04 ag. 2020.

CAMUS, Albert. *A esperança do mundo. Cadernos (1935-1937)*. São Paulo, Hedra, 2014.

MONK, Meredith. *Songs of Ascencion*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c3mSVR3xtfU&t=22s>. Acesso em 04 de Dezembro de 2019.

NANCY, Jean-Luc. *O intruso*. Tradução: Pricila C. Laignier, com a colaboração de Ricardo Parente e Susan Gugenheim. Revisão técnica: Aluisio Pereira de Menezes. Paris, Éditions Galilée, 2000.

ONO, Yoko. *Grapefruit: o livro de instruções e desenhos de Yoko Ono*. Buenos Aires, Ediciones e La Flor, 1970.

TUIS, Riccardo Tristano. *432 hertz: La rivoluzione musicale*. Bataglia, Nexus Edizione, 2010.